

# A Ausência de Fronteiras na Constituição de Identidades na Obra Clariceana *Água Viva*

p. 33 - 42

Adriane Cherpinski<sup>1</sup>

Rosana Gonçalves<sup>2</sup>

## Resumo

Num mundo instável as identidades também se tornam instáveis. Deixam de ser determinadas por grupos específicos e de ser o foco de estabilidade do mundo social. Tornam-se híbridas, deslocadas, descentradas e fragmentadas. Sob esta ótica, este estudo tem por objetivo identificar a alternância ou possibilidades de identidades que fragmentam a narradora/personagem da obra literária *Água Viva* (1973), de Clarice Lispector. O aparato teórico-bibliográfico fundamenta e demonstra essa transição de identidades em busca da satisfação interior nos indivíduos pós-modernos, tal como indicam as considerações finais sobre o monólogo clariceano *Água Viva*.

**Palavras-chaves:** Identidade. Pós-modernidade. Narradora/personagem.

## The Absence of Borders in The Constitution of Identities in Clarices's Living Water

### Abstract

In an unstable world, identities also become unstable. They cease to be determined by specific groups and to be the focus of stability of the social world. Become hybrid, displaced, decentered and fragmented. From this perspective, this study aims to identify the switch or identity possibilities that fragment the narrator / character of the literary *Living Water* (1973), Clarice Lispector. The bibliographical and theoretical apparatus supports and demonstrates the transition of identities in search of inner satisfaction in post-modern individuals, as indicated in the final considerations about the claricean monologue *Living Water*.

**Key words:** Identity. Postmodernity. Narrator / character.

### Considerações Iniciais

*Estar total ou parcialmente "deslocado" em toda parte, não estar totalmente em lugar algum*  
[...]

Z. Bauman

Este texto se coloca diante de dois ícones inquietantes no âmbito da literatura: Clarice Lispector (1920-1977) e a (des)constituição de identidades na pós-modernidade. O primeiro

ícone diz respeito a uma das mais importantes escritoras brasileiras cujo nome encontra-se listado na literatura universal. O segundo ícone refere-se à (des)constituição de identidades na pós-modernidade, onde os sujeitos alternam suas identidades em busca de segurança e em resposta ao modelo consumista que permeia a contemporaneidade ditando normas e posturas.

O objetivo deste estudo é identificar a

1. Mestranda em Letras pela UNICENTRO. E-mail: [adriane.cherpinski@hotmail.com](mailto:adriane.cherpinski@hotmail.com)

2. Doutora em Letras / Teoria Literária e Literatura Comparada pela UNESP. E-mail: [rgon\\_1@hotmail.com](mailto:rgon_1@hotmail.com)

alternância ou possibilidades de identidades que fragmentam a narradora/personagem da obra *Água Viva* (1973), de Clarice Lispector.

Até o final do século XX o sujeito era concebido de forma unificada. No entanto, a estrutura social modificou-se, alterando também os conceitos de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, fazendo assim surgirem novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno.

De integrado, esse indivíduo passa a deslocado/descentrado tanto no mundo social como cultural, sustentando o sentimento de perda de um sentido de si, justificando dessa forma a busca constante por uma identidade, uma filiação a dado grupo que permita sentir-se bem, seguro e, acima de tudo, valorizado e respeitado. “O anseio por identidade vem do desejo de segurança” (BAUMAN, 2005, p. 35).

O conceito de identidade é demasiadamente complexo e surge do pertencimento a culturas, etnias, raças, linguagens, religiões e nações. Hall (2005) apresenta três concepções de identidade: a) Sujeito do iluminismo (cartesiano, centrado, racional, imutável); b) Sujeito sociológico e, c) Sujeito pós-moderno. Este artigo deter-se-á especificamente no sujeito pós-moderno, no seu processo de identificação provisório, variável e problemático, pois sua identidade não é mais fixa, essencial, unívoca ou permanente.

Nessa perspectiva, a identidade do sujeito pós-moderno é móvel, sendo formada e transformada constantemente em virtude da relação com os sistemas culturais vigentes. Essa alternância de identidades é visível nos mais diversos aspectos da vida do ser humano, inclusive na literatura, justificando dessa forma a realização desse estudo evidenciando que a narradora da obra clariceana *Água Viva* demonstra ser um sujeito que assume identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são unificadas ao

redor de um ‘eu’ coerente.

## Pressupostos Teóricos

A sociedade constrói/dita normas e posturas e quem não se encaixa, não se identifica, não se filia a estas normas e posturas assume o posto de estranho, ou seja, é aquele que não se identifica nem com uma, nem com outra possibilidade, que transgredir os limites estabelecidos, convertendo-se no indivíduo que sente o mal-estar de se ver perdido, deslocado, inseguro...

A pós-modernidade demonstra que não há verdades, assim como não são admitidos conceitos-chaves, estruturas fechadas, ordem, normas... A postura é muito mais de desconstrução daquilo que existe do que construção de uma nova vertente ou pensamento.

Hall (2005) aponta para mudanças culturais e estruturais da ordem de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que transformaram as sociedades modernas no final do século XX, sendo que estas, no passado, figuravam como sólidas aos indivíduos sociais.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito (HALL, 2005, p. 9).

Segundo Bauman (2005), na modernidade, o Estado traçou classificações, divisões, distribuições e fronteiras. Foi nessa ordem que os estranhos modernos não se ajustaram.

Os estranhos, assim, seriam lançados para o fora, que é uma zona de exclusão, o que não regula o dizível, o apagamento ou uma dimensão silenciosa e opaca. Recuperando Maurice Blanchot que, em *O espaço literário* (1987), afirma que o fora do real compõe inúmeras possibilidades evocativas que as palavras carregam em si, uma ausência de

referentes diretos, apontando para a morte de toda realidade palpável. Dito de outra maneira, os estranhos seriam exilados, marginalizados, afastados, excluídos... No entanto, a zona de exclusão também é uma zona de produção, possibilidade de criação.

Assim, a liberdade não é plena pois, a partir do momento em que o sujeito tinha liberdade em optar, controlar e administrar sua vida na estrutura imposta pelo estado, automaticamente precisava aderir a novas identidades, para fazer parte de algum grupo, ser reconhecido enquanto tal e sair assim da zona do fora. Bauman (1998) enfatiza que isso é a transformação de identidade para ser assimilada com a ordem social, sendo que a vida individual seria impensável sem a ordem social.

Os projetos de vida pós-moderna individuais não encontram estabilidade; desperta-se um sentimento de incerteza sobre a configuração do mundo, a forma correta de viver nele e os critérios de certo e errado. Essa condição de incerteza se assenta de forma permanente e irredutível.

Nenhum emprego é garantido, nenhuma posição é inteiramente segura, nenhuma perícia é de utilidade duradoura, a experiência e a prática se convertem em responsabilidade logo que se tornam haveres, carreiras sedutoras muito frequentemente se revelam suicidas. Meio de vida, posição social, reconhecimento da utilidade e merecimento da auto-estima podem todos desvanecer-se simultaneamente da noite para o dia sem se perceber (Ibidem, p.35).

A contemporaneidade explicita um mundo indeterminado, incontrolado e justamente por isso, assustador. Bauman (1998) aponta algumas dimensões da incerteza pós-moderna, tendo em vista que, o que distingue a pós-modernidade é essa incerteza, esse abandono à obediência da constituição da ordem.

1) a desordem desencadeada distancia-se da lógica, o que se reflete na política, onde antigas estruturas de poder foram abaladas. A busca desenfreada pela riqueza e o intenso progresso não

proporcionaram clareza e felicidade permanente, mas sim incertezas.

2) a competição do mercado articulada com o impulso do consumismo aumentou a desigualdade. Paralelamente, não há mais garantias de emprego estáveis e seguros.

3) da mesma forma enfraqueceu-se e desintegrou-se os laços estreitos entre as famílias, vizinhos e grupos. As tecnologias oferecidas pelo mercado apresentam-se como suportes para conduzir o sujeito ao individualismo.

4) a indústria da imagem, por meio dos meios de comunicação cultural, contribuem para a indeterminação e para a maleabilidade, onde tudo é passageiro, inclusive as identidades dos sujeitos, que são trocadas constantemente (BAUMAN, 2005), como se a vida fosse um episódio, restando apenas a memória. Confiança, verdade e segurança não existem mais, tanto nos relacionamentos afetivos quanto profissionais: “A abundância dos compromissos oferecidos, mas principalmente a fragilidade de cada um deles, não inspira confiança em investimentos de longo prazo no nível das relações pessoais ou íntimas” (Ibidem, p. 36).

Comungando com Zygmund Bauman, Stuart Hall entende que:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2005, p. 7).

O indivíduo passa a ser fragmentado e evoca os significados que abstrai do outro, ou seja, a identidade não é mais construída de forma unívoca, mas é ajustada ao mundo. “Em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa” (BAUMAN, 2005, p. 20).

Nesse sentido, Hall (2005, p. 13) explica que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Nessa linha, entre verdade e simulação, verdade e representação, inicia-se o apagamento entre o normal/anormal, esperável/inesperado, comum/bizarro, domesticado/selvagem, familiar/estranho, nós/estranhos.

De acordo com Bauman (1998), o que faz uma pessoa estranha é sua ultrapassagem nas linhas de fronteiras. Pois, a partir do momento que dado sujeito, dotado de suas características e especificidades próprias e inerentes deixa seu espaço para fazer parte de outro espaço, este passa a ser anormal, até que substitua sua identidade, assimilando a conduta dos demais e passando a fazer parte do grupo ao qual se filiou. “Em nossos tempos modernos, [...] as fronteiras que tendem a ser ao mesmo tempo mais fortemente desejadas e mais agudamente despercebidas são as de uma *justa e segura posição na sociedade* [...]” (Ibidem, p. 38).

Na mesma perspectiva, Hall (2005, p. 7) aponta para uma crise de identidade, a qual é um processo amplo de mudança “que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.”

Além da ausência de segurança profissional, social e afetiva, verifica-se que a durabilidade não é mais um valor tão importante como no passado. Bauman (2005) demonstra inclusive, que a prática do consumismo alienou as pessoas de tal forma, que estas sentem necessidade de trocar de parceiros em curtos períodos de tempo. Tudo deve ser consumido, e tudo deve ser descartável para ser consumido. Num mundo que, diferente da modernidade sólida, não se organiza mais em

torno do trabalho, e sim em torno do consumo, as identidades se tornam também algo a ser consumido. E o consumo passa a ser o meio pelo qual são construídas as identidades.

O itinerário de vida pós-moderno exige que o homem tenha diversas identidades, dessa forma deixa de ter poder e liberdade sobre si próprio. “Já não estou sob controle, já não sou senhor de mim mesmo. Perdi minha liberdade” (BAUMAN, 1998, p. 39). No entanto, o autor lembra que, no contexto pós-moderno, “[...] ser livre não significa não acreditar em nada: significa acreditar em muitas coisas” (Ibidem, p. 249).

Na contemporaneidade as identidades deixaram de manterem o mesmo formato reconhecível ao longo do tempo. A situação inverteu-se, atualmente quem permanece com a mesma identidade é visto como “atrasado” com necessidade de atualizar-se: “[...] em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, ‘estar fixo’ – ser ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Enquanto que na modernidade prevalecia a ordem, na pós-modernidade é a desordem que impregna a sociedade, composta de estranhos em busca de poder, pela troca de identidades, trilhando um caminho na “interminável busca de si mesmo” (BAUMAN, 1998, p. 43).

O significado da obra pós-moderna é a desconstrução do significado, significado este que existe no processo interpretativo e crítico. Por isso, a arte pós-moderna recusa qualquer solução absoluta, pois é polifônica e faz parte de uma sociedade múltipla, incerta, onde os homens estão em busca de si por meio da errância. Em busca também de uma liberdade pela imaginação, por princípios que não se congelem em certezas difusas.

Água viva é uma das obras pós-modernas

que apresenta a típica desconstrução, a incerteza, o deslocamento e a solidão, refletindo sobre a condição humana, essa mesma condição que fragmenta e aflora na narradora a certeza de ausência de fronteiras na constituição de identidades. Trata-se de um texto sobre as experiências vivenciadas mostrando a passagem da crise psicológica à angústia metafísica.

## As Múltiplas Identidades em *Água Viva*

*Água Viva* foi publicada pela primeira vez em 1973, portanto num momento considerado por muitos como pós-moderno. Embora Kellner (2001) afirme que não há consenso na definição de pós-moderno, pois tal discurso é um construto cultural, Bauman (1998) e Hall (2005) fazem distinções importantes na estrutura da identidade dos sujeitos modernos e pós-modernos o que está explícito nas obras artísticas, tal como na obra literária em questão. Nela se observa que a única personagem, que também é narradora e, por meio de um monólogo, revela diversas identidades: animal, criança, bondosa, má, corrupta, mulher, feminista, mística, viciada, supersticiosa, educada, religiosa, cética, escritora, pintora e, escritora e pintora ao mesmo tempo. Enfim, a própria narradora/personagem, que não é nominada, admite: “[...] divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 10). É justamente essa fragmentação do indivíduo, citada por Bauman (2005), que o faz ajustar-se ao mundo por meio de diversas identidades num sentido de adaptação.

Embora *Água Viva* aparente ter sido gestada num impulso só, o texto passou por uma cuidadosa elaboração. Lispector escreveu-o de forma fragmentada em pequenos papéis, tal como as identidades fragmentadas da narradora/personagem; guardou-os até sentir que o livro

estava terminado: “Com *Água viva* passei três anos cortando e tirando, lutando, lutando até que saiu o livro” (SOUSA, 2012, p. 365).

Na busca constante e intensa pela expressão da condição humana, do instante-já, que são fugidios às palavras, a narradora/personagem busca dizer o inalcançável, reproduzir as instantaneidades, e, “[...] através da percepção visual pretende chegar-se o mais próximo possível do ‘é da coisa’, o *it* ou ‘halo’ das coisas, na insólita formulação proposta, que ‘é mais importante que as coisas e as palavras’” (SOUSA, 2012, p. 362).

Ao longo de pouco menos de 100 páginas, a narradora assume essas diversas identidades, sendo que, em muitas vezes, elas se contradizem:

Sou africana (Lispector, 1998, p. 43).  
Eu sou a morte (Ibidem, p. 25).  
Eu estou cega (Ibidem, p. 85).  
[...] sou palavra e também o seu eco (Ibidem, p. 16).

A identidade em termos de nacionalidade é africana, contudo, a narradora em dado momento também é a morte e em outra ocasião é uma cega. Evidentemente que a morte, não está associada aqui à ausência de sentidos de corpo humano, pois, conforme Maurice Blanchot (1987), trata-se da morte do autor para a possibilidade de nascimento de uma nova obra, tendo em vista que o leitor é informado em diversas vezes durante a narrativa, que a narradora/personagem é escritora: “Escrevo-te toda inteira” (LISPECTOR, 1998, p. 10), e, reafirma: “Escrevo-te porque não me entendo” (Ibidem, p. 28), demonstrando o sujeito pós-moderno que permeia a incerteza, a não definição do que é, do que precisa ser e do que virá a ser. Assim, a narradora/personagem, experimenta também a identidade e pintora:

Hoje acabei a tela de que te falei [...] (Ibidem, p. 11).  
E se muitas vezes pinto grutas [...] (Ibidem, p. 15).  
E tudo isso pintei há algum tempo e em outro domingo (Ibidem, p. 18).

A instabilidade e a necessidade da busca contínua pela identidade fazem a narradora/personagem mesclar suas identidades de escritora e pintora:

Ao escrever não posso fabricar como na pintura, quando fabrico artesanalmente uma cor (Ibidem, p. 12).

Comecei estas páginas também com o fim de preparar-me para pintar. Mas agora estou tomada pelo gosto das palavras, e quase me liberto do domínio das tintas: sinto uma voluptuosidade em ir criando o que te dizer (Ibidem, p. 19).

Entro lentamente na escrita assim como já entrei na pintura (Ibidem, p. 15).

É tão curioso e difícil substituir agora o pincel por essa coisa estranhamente familiar mas sempre remota, a palavra (Ibidem, p. 72).

Sabe-se que a identidade está articulada ao pertencimento, às representações de instituições sociais como família, escola, estado, igreja, entre outras (HALL, 2005). Quanto à igreja, a narradora de *Água Viva* debate-se entre identidades que, ora aceitam e são dependentes da intervenção divina, ora recorrem ao misticismo dos anões, duendes, gênios e signos, experimentando a superstição até chegar a suspeitar que é herege:

Vou parar um pouco porque sei que Deus é o mundo. É o que existe. Eu rezo para o que existe? Não é perigoso aproximar-se do que existe. A prece profunda é uma meditação [...] (LISPECTOR, 1998, p. 30).

Que o Deus me ajude: estou perdida (Ibidem, p. 42).

Que o Deus me ajude [...] (Ibidem, p. 45).

O Deus tem que vir a mim já que não tenho ido a Ele. Que o Deus venha: por favor. Mesmo que eu não mereça. Venha (Ibidem, p. 55).

Todas as vezes que a narradora se refere a Deus, ela antecede com o artigo “o”, substantivando o nome próprio e dando-lhe a feição de algo definido, próximo, palpável e até comum, retirando-lhe a santidade, mas, logo a ele recorre, mesmo tendo a consciência de que já não é a devota que possivelmente um dia fora: *O Deus tem que vir a mim já que não tenho ido a Ele. Que o Deus venha: por favor. Mesmo que eu não mereça.*

*Venha.* É a busca incessante do sujeito para suprir as necessidades psicológicas e emocionais que o faz assumir esta identidade momentânea de servo de Deus.

No entanto, a narradora/personagem revela a instabilidade desta identidade devota por meio de um tênue ceticismo:

Mesmo para os descrentes há o instante do desespero que é divino: a ausência do Deus é um ato de religião. Neste mesmo instante estou pedindo ao Deus que me ajude. Estou precisando. Precisando mais do que a força humana (Ibidem, p. 55).

Ela confessa estar num momento de desespero e afirma que em certos instantes até os descrentes passam a ser crentes, repetindo a palavra instante ao pedir a ajuda divina.

Porém, esta identidade que crê precisar de Deus é substituída em alguns momentos por uma identidade mística: “Cercam-me criaturas elementares, anões, gnomos, duendes e gênios” (Ibidem, p. 38). Da mesma forma, a narradora/personagem, tal como o sujeito líquido descrito por Bauman (1998), é também supersticiosa: “Mas 9 e 7 e 8 são os meus números secretos. Sou uma iniciada sem seita” (LISPECTOR, 1998, p. 33), esta crença numerológica é reafirmada várias vezes na narrativa: “Meu número é 9. É 7. É 8” (Ibidem, p. 44). Além disso, a narradora/personagem deixa de ser o indivíduo pós-moderno para assumir identidades que eram próprias das pessoas mais antigas, que labutavam no campo: “Orgulho-me de sempre pressentir mudança de tempo. Há coisa no ar – o corpo avisa que virá algo novo e eu me alvoroço toda” (Ibidem, p. 63).

Contudo, a narradora/personagem suspeita de si mesma, de suas crenças: “Sou herege. Não, não é verdade. Ou sou? Mas algo existe” (Ibidem, p. 94). Neste trecho, fica explícito que a identidade divina/mística/supersticiosa e outras, são fragmentadas e incorporadas conforme a

necessidade, instaurando-se assim a sensação do homem pós-moderno, descrita por Bauman (1998): deslocado, inseguro, incerto...

É curioso observar a analogia do misticismo da narradora ao se calcar na crença dos signos: “Lembro-me do signo Sagitário: metade homem e metade animal” (LISPECTOR, 1998, p. 53), demonstrando que ela própria, por diversas vezes assume identidades animalizadas:

[...] tenho a estranha impressão de que não pertencço ao gênero humano (Ibidem, p. 29). Não gosto é quando pingam limão nas minhas profundezas e fazem com que eu me contorça toda. Os fatos da vida são o limão na ostra? (Ibidem, p. 31) Após a narradora discorrer sobre os movimentos da ostra quando lhe é pingado limão. Eu aguento porque comi a própria placenta (Ibidem, p. 35). Após descrever o parto de uma gata, onde, posteriormente ao nascimento dos filhotes a felina come a própria placenta. Eu, que fabrico o futuro como uma aranha diligente (Ibidem, p. 68). Eu que sou doente da condição humana. Eu me revolto: não quero mais ser gente (Ibidem, p. 93). [...] eu, bicho de cavernas ecoantes que sou, [...] (Ibidem, p. 16).

Logo, ela, sendo um ser vivo, se não pertence ao gênero humano, então faz parte do gênero animal, como bem demonstra na sequência da narrativa onde assume identidades de ostras, gatas e aranhas. Na obra, outras animalizações da narradora/personagem são encontradas, entretanto, este estudo ilustra apenas alguns exemplos.

A teoria da identidade líquida exposta por Bauman (1998) é escancarada na obra *Água Viva*, pois a narradora se mostra um indivíduo em busca identidades cunhadas pela sociedade: “Sou uma máquina de escrever fazendo ecoar as teclas secas na úmida e escura madrugada. Há muito já não sou gente. Quiseram que eu fosse um objeto. Sou um objeto” (LISPECTOR, 1998, p. 86). Assume a identidade de um objeto, a máquina de escrever, porque assim a sociedade a quer, produzindo,

escrevendo, servindo ao modelo capitalista e consumista.

Nas últimas páginas da narrativa, a narradora/personagem se convence enfim de não querer mais ser gente, ficando implícita sua preferência por uma identidade animalizada.

Na pós-modernidade, a identidade é ajustada ao mundo, o sujeito abstrai os significados do outro, por isso tem consciência que, para filiar-se a dado grupo deve abstrair suas características assemelhando-se e sentido-se parte do novo grupo. Nesta tarefa, a narradora/personagem, ao discorrer sobre o espelho demonstra as inúmeras identidades que podem ser refletidas no objeto: “Não, eu não descrevi o espelho – eu fui ele” (Ibidem, p. 79); além disso, emprega o verbo no passado – fui – pois sabe que sua identidade atual reflete o mundo, pois precisa assemelhar-se/filiar-se a ele: “Sou o mundo” (Ibidem, p. 24).

Esse mundo incontrolado e, justamente por isso assustador, desencadeia no indivíduo pós-moderno a incerteza, a necessidade desenfreada de estar a par das modas, costumes e valores, os quais regem a própria sobrevivência, do contrário, a narradora/personagem entende que: “Perco a identidade do mundo em mim e existo sem garantias” (Ibidem, p. 71), pois sem filiar-se a nenhuma identidade tudo fica líquido.

Em meio à ilusão da sensação de liberdade em não estar vinculada a nenhuma identidade: “E ninguém é eu. Ninguém é você. Esta é a solidão” (Ibidem, p. 35), todas as pessoas estão sim vinculadas a alguma forma de viver, defendem ideais, acreditam/desacreditam. Há de fato, embora a narradora/personagem rejeite, filiações ideológicas que constituem sua(as) identidade(s) e, conforme demonstrou Bauman (2005), ser livre não significa não acreditar em nada, mas sim em muitas coisas:

Estou livre? Tem qualquer coisa que ainda me prende. Ou prendo-me a ela? Também é assim: não estou toda solta por estar em união com tudo (LISPECTOR, 1998, p. 33). Tenho certo medo de mim, não sou de confiança, e desconfio do meu falto poder (Ibidem, p. 33).

As identidades são descartadas periodicamente e “o anseio por identidade vem do desejo de segurança” (BAUMAN, 2005, p. 35), justificando assim a busca pela sensação de satisfação, pela fuga da solidão sentida pela narradora/personagem:

Embora seja tudo tão frágil. Sinto-me tão perdida (LISPECTOR, 1998, p. 45). Estou melancólica (Ibidem, p. 50). Há uma coisa dentro de mim que dói. Ah como dói e como grita pedindo socorro (Ibidem, p. 86).

Esse sentimento de solidão é descrito por Bauman (2005, p. 53): “Consciente ou subconscientemente, os homens e as mulheres de nossa época são assombrados pelo espectro da exclusão.” No sentido de suprir essa fragilidade, essa solidão e essa incerteza, o sujeito busca a incorporação de identidades revelando-se múltiplo, assim como a narradora/personagem, que é também empresária: “Vou começar a fabricar meu próprio perfume: compro álcool apropriado e a essência [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 44). Percebe-se ainda, considerando-se o ano da publicação da obra *Água Viva* (1973), que a narradora/personagem é realmente uma mulher pós-moderna, abandonando sua condição de “dona de casa” para aventurar- em outros caminhos, deixando seus afazeres domésticos para outra pessoa: “O estranho é que a empregada perguntou-me um dia à queima-roupa: “e aquela rosa?” (Ibidem, p. 51). Ou seja, deixa a identidade de mulher dedicada ao lar, transferindo estas atividades à empregada: “Ontem eu estava tomando café e ouvi a empregada na área de serviço a pendurar roupa na corda e a cantar uma

melodia sem palavras” (Ibidem, p. 83).

Suas identidades se alternam aos opostos, adequando-se ao necessário: “E vejo que sou intrinsecamente má” (Ibidem, p. 70), embora demonstre que também pode ser uma pessoa bondosa: “Tomo conta do menino que tem nove anos de idade e que está vestido de trapos e magérrimo. Terá tuberculose, se é que já não tem” (Ibidem, p. 60) e reafirma: “É apenas por pura bondade que sou boa” (Ibidem, p. 70).

Assim como os produtos exibidos pelo consumismo as identidades também deixam de ser duradouras, de boa a narradora/personagem passa a ser corrupta: “Sinto-me derrotada pela minha própria corruptibilidade” (Ibidem, 1998, p. 70).

A condição de mulher é explicitada durante toda a narrativa: “Eu me sentia assim: a mulher e o cavalo” (Ibidem, p. 50), no entanto, verifica-se que esta mulher é também uma feminista, identifica-se pelos movimentos que defendem os seus direitos:

Vejo a grande lesma branca com seios de mulher: é ente humano? Queimo-a em fogueira inquisitorial. Tenho o misticismo das trevas de um passado remoto. E saio dessas torturas de vítima com a marca indescritível que simboliza a vida (Ibidem, p. 38).

Além disso, esta mulher, que é feminista, que é só, que é religiosa, mística e herege, que é boa, má e corrupta, revela ainda outras identidades, é viciada: “Agora vou acender um cigarro” (Ibidem, p. 55) e demonstra saber filiar-se muito bem aos requisitos essenciais para a convivência social: “Com licença – sim? Não demoro. Obrigada” (Ibidem, p. 65). Bauman (1998) lembra que a sociedade constrói/dita normas e posturas e, quem não se encaixa, não se identifica as estas normas e posturas assume o posto de “estranho”.

## Considerações Finais

Percebe-se, portanto, que na obra estudada de Clarice Lispector as identidades são múltiplas, pois conforme Bauman (2005), a construção de identidades tornou-se uma experimentação infundável ao sujeito pós-moderno, tendo em vista que os experimentos nunca terminam, o que ficou evidente na narradora/personagem de *Água Viva*, onde assume uma identidade num momento, mas muitas outras, até mesmo contraditórias, são testadas.

Bondosa, má, mulher, feminista, religiosa, cética, escritora, pintora, viciada, corrupta, supersticiosa, religiosa, herege, animalizada, mística... a narradora/personagem transitou por diferentes espaços em busca de identidades que a satisfizessem, configurando-se num sujeito pós-moderno com identidade instável.

Verificou-se que o problema da identidade tem a ver com a esfera subjetiva da pessoa, com seu psicológico e emocional, suprimindo sentimentos como solidão, exclusão, satisfação, segurança, entre outros. Contudo, a identidade do sujeito pós-moderno está intrinsecamente ligada ao contexto social no qual a pessoa está inserida. Este contexto é que regula e promove a necessidade das múltiplas identidades, pois como disse Bauman (1998), a transformação de identidade passa a ser assimilada com a ordem social, sendo que a vida individual seria impensável sem a ordem social.

Na esteira de que a fragmentação é um dos pilares descritivos do homem pós-moderno e das obras artísticas e, tendo em vista que a obra literária abordada neste estudo, é curioso lembrar que embora aparente ter sido gestada num impulso só, o texto passou por uma cuidadosa elaboração. Lispector escreveu-o de forma fragmentada em pequenos papéis; guardou-os até sentir que o livro estava terminado, demonstrando assim que *Água viva* é uma narrativa fragmentada, típica da

contemporaneidade.

Ao abordar as múltiplas identidades da narradora/personagem de *Água Viva*, é importante ainda observar as diversas identidades assumidas pela própria autora: ucraniana, judia, nordestina, brasileira, casada, divorciada, mulher, mãe, pintora, escritora...

Conclui-se assim, que as fronteiras na constituição de identidades são muito tênues demonstrando que o homem pós-moderno é uma multiplicidade de identidades, que ora são fundamentais e ora são descartadas, dando lugar a novas formas de pensar, se portar e agir, portanto, de novas identidades. Esse cenário é encontrado também na literatura, já que esta registra, mesmo que de forma ficcional, os fatos sociais da humanidade, como buscou-se demonstrar por meio da narradora/personagem do monólogo clariceano *Água Viva*.

## Referências

BAUMAN, Zygmund. *O mal-estar na pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Claudia Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

SOUSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

**Artigo enviado em:** 21/05/2012

**Aceite em:** 23/06/2012